

Quem leva o etanol, leva a cana

O mundo volta seus olhos para o etanol. Depois que o presidente dos Estados Unidos elogiou o produto, mais ainda. Investidores internacionais querem investir no setor tanto no Brasil quanto em seus próprios países. O biocombustível virou assunto mundial. Os brasileiros continuam um passo à frente, já que detêm as vantagens comparativas: clima, área, água, além, é claro, da tecnologia e do know-how. Mas países como os EUA, a França, a Alemanha e o Japão estão tentando recuperar o tempo perdido e investindo em pesquisa para buscar competitividade, pois o etanol brasileiro, à base de cana-de-açúcar, tem um custo de produção muito menor comparado ao etanol de grãos. Do bioetanol produzido no mundo, 54% são produzidos a partir de grãos e 46% de cana-de-açúcar. Os EUA são os maiores produtores, com 36,3% do total. O Brasil vem em segundo, com 35,6%.

No momento reina o otimismo no setor sucroalcooleiro do Brasil. Neste ano 12, novas usinas entraram em operação, totalizando 344 unidades em todo país.

Existem 136 projetos de novas usinas, em diversas fases de implantação, sendo 116 no Centro Sul do país. Resultado da demanda interna e externa pelo etanol. Segundo a Datagro, para atender a demanda até 2013, a capacidade precisa passar dos atuais 233 milhões de toneladas de cana moída por ano, para 412 milhões de toneladas.

A estimativa da produção brasileira de etanol em 2013 é de 33,78 bilhões de litros, sendo 27,88 bilhões para atender ao mercado interno e 5,9 bilhões para o externo. A área plantada teria que crescer cerca de 3 milhões de hectares para suprir a demanda prevista, passando dos atuais 6,2 mi-



Entre os debatedores do Fórum, o Conselheiro da ABAG/RP e Presidente da Orplana Manoel Ortolan e a Diretora da ABAG/RP Mônica Bergamaschi

lhões de hectares para quase 10 milhões de hectares.

Este tema foi o que dominou a abertura do Fórum Internacional de Álcool e Etanol, evento paralelo à 14ª Fenasucro (Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira) que aconteceu na segunda quinzena de setembro, em Sertãozinho.

Na discussão de cenários para o setor, o presidente da Orplana e conselheiro da ABAG/RP, Manoel Ortolan, se mostrou preocupado com a perspectiva de demanda: "será que ela se concretizará, ou ainda, se vier a se concretizar, o Brasil estará pronto para atendê-la?"

A diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, falou sobre a questão ambiental, social e da própria imagem do setor. "Todos querem o etanol, mas muitos não suportam a cana-de-açúcar. Dissociam o abastecimento da produção, como se isso fosse possível! Para ter etanol na bomba é necessário ter cana no campo".

A legislação ambiental brasileira,

lembrou Mônica, da forma como está desenhada e remendada, é impossível de ser cumprida, e a obrigatoriedade de sua aplicação tácita, com as disparidades entre as leis federais e estaduais, pode inviabilizar muitos investimentos.

Fora do país a utilização do etanol só tem recebido elogios. Aqui dentro, o que prevalece são as mazelas. Por isso, um programa forte, visando o fortalecimento da imagem do setor, se faz urgente. E também, uma discussão ambiental equilibrada e baseada em dados técnico-científicos pode encurtar o caminho para a solução definitiva desta questão. O Brasil precisa ser pró-ativo e se antecipar aos possíveis entraves, para não viver uma euforia passageira e se frustrar no futuro. Uma missão necessária e possível, em um momento tão positivo para o setor sucroalcooleiro.

A Fenasucro recebeu 55 mil visitantes e encaminhou negócios para os próximos meses no valor de R\$ 1,5 bilhão, segundo a organização da feira.

"Agronegócio na Escola" -

O grande diferencial do Programa Educacional "Agronegócio na Escola" é proporcionar a todos os alunos participantes a visita a um dos roteiros do agronegócio na região de Ribeirão Preto. Em 2006, cerca de 19 mil alunos estão tendo contato com o assunto, desde início do ano letivo, seja por meio de textos específicos e pesquisas na internet, ou diretamente com professores, que relacionam o conteúdo programático de suas disciplinas com exemplos práticos do agronegócio. Depois da primeira fase, que acontece na sala de aula, é hora de mudar o cenário e verificar "in loco" tudo o que foi estudado.

Neste ano, 27 empresas, uma universidade e uma instituição de pesquisa estão recebendo os alunos. Além de relacionar os conceitos estudados com o dia-a-dia, as visitas representam a oportunidade para que estes jovens descubram caminhos de inserção profissional para o futuro.

UNESP- Jaboticabal

A visita ao campus da Unesp tem sido um momento de descoberta para os alunos. Ainda no início do ensino médio, muitos desconhecem os cursos que a Universidade oferece, ou mesmo que são gratuitos. Na palestra inicial detalhes sobre os cursos de graduação: Engenharia Agrônoma, Medicina Veterinária, Zootecnia, Biologia e Administração, e áreas de mestrado e doutorado. Depois os alunos são levados para conhecer parte dos 829 hectares do campus e conversar sobre aspectos relacionados aos seus 13 departamentos.

EMBRAPA – Centro Nacional de Pecuária Sudeste/ São Carlos

Os alunos conhecem a cadeia produtiva da carne e do leite. Os produtos que chegam em casa não são frutos do acaso, mas da pesquisa, que proporciona a melhoria da produtividade, da qualidade dos produtos, a redução dos custos para o produtor e, conseqüentemente, dos preços para o consumidor final.

COOPERATIVAS

Nas cooperativas da região que recebem os alunos do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", CANAOESTE, COPLANA e CAROL o conceito desse importante setor da economia brasileira é parte fundamental da visita. O cooperativismo representa, com sua doutrina que visa promover o social através do econômico, um caminho seguro para o desenvolvimento, gerando renda e empregos.

É o braço econômico da organização social, a prova de que a união é capaz de vencer obstáculos, abrir caminhos. O trabalho desenvolvido em cada uma delas é apresentado aos visitantes, da pesquisa de novas variedades de cana, soja e amendoim, ao armazenamento, processamento e até a comercialização, inclusive na bolsa de mercadorias e futuros.

FAZENDA SANTA ISABEL

A Fazenda Santa Isabel é uma referência na administração rural, com sua gestão alicerçada no tripé: tecnologia, recursos humanos e meio ambiente. Aquela idéia antiga de que o campo é atrasado, cheio de Jeca Tatu, de que o produtor rural não respeita o meio ambiente e seus funcionários, fica para trás. Em todos os cantos da fazenda a realidade vista é outra: seriedade, modernidade, e compromisso com a sustentabilidade (social, econômica e ambiental).

FRI-RIBE

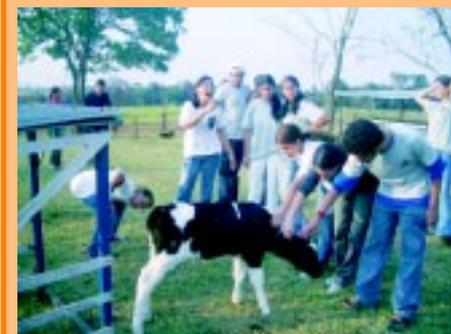
Os alunos nem imaginam o quanto é preciso pesquisar e investir em tecnologia para fabricar alimento animal. Na visita à Fri-Ribe, uma empresa pioneira no segmento, é mostrada a complexidade de uma fábrica desse porte, que produz desde rações para cães e gatos, até alimentos para bovinos e camarões. São produzidas 300 mil toneladas de ração por ano. Os visitantes ainda recebem informações sobre o intrincado mundo da comercialização e do marketing da alimentação animal.

INTERLATEX

A descoberta de que São Paulo é o maior estado produtor de látex do país já vale a saída da sala de aula. A atualização do conhecimento nas áreas de história e de geografia mostra o quanto é dinâmico este setor. Além disso, alunos e professores vêem todo o processo de transformação, desde a extração e coleta do látex na fazenda, até sua transformação na matéria-prima que será usada para fabricar pneus, tênis, peças para os setores automotivos, hospitalar e outros.

MARCHESAN

O que uma metalúrgica, no meio de uma cidade, tem a ver com o agronegócio? Nesta visita os alunos descobrem que a relação é direta. Mais do que isso, que os funcionários que lá trabalham dependem muito de como vão as "coisas no campo". A interdependência campo/cidade é clara e inequívoca. Em seus longos corredores, a aplicação de muitos conceitos estudados em sala: física, roldanas para movimentar as peças; química, gases misturados na máquina para o corte a laser; ou a quantificação dos elementos da tabela periódica que determinam a qualidade da matéria-prima.



Roteiros do conhecimento



OURO FINO

A fábrica de 125 mil metros quadrados, recém inaugurada, segue todas as normas de segurança, nacionais e internacionais, para a fabricação de produtos farmacêuticos para a saúde animal e humana. A pesquisa e o desenvolvimento de novos produtos são os principais pontos abordados durante a visita. Os alunos percorrem todo o processo produtivo, inclusive o de criação das embalagens e o setor administrativo. Saem com uma visão ampla do significado de trabalhar em uma empresa que necessita seguir rotinas rígidas, respeitar padrões estabelecidos, que atestam a conformidade de seus produtos. Até a qualidade do ar tem que ser controlada dentro desta empresa do agronegócio.

RENK ZANINI

Se nas usinas os alunos acompanham parte do processo produtivo, na Renk podem ver como são produzidos os redutores de velocidade e os componentes de transmissão de potência. É um mundo novo, cheio de descobertas, desde o ferramental usado na fabricação até os laboratórios de medição e aferição. Onde saber português é fundamental. Interpretar um texto para seguir as orientações de fabricação de uma peça, ou escrever um relatório, ganham dimensão diferente depois da visita.

SANTAL

Nesta empresa que fabrica implementos e máquinas agrícolas para o setor canavieiro, a única fabricante 100% nacional de colhedora de cana, o que mais chama atenção dos alunos é a tecnologia aplicada. Seja na hora de criar novos produtos, com avançados programas de computador, ou utilizando a 4ª forma da matéria, o plasma, para o corte de matérias-primas. Ver a colhedora em funcionamento é outro momento interessante para os alunos, que descobrem que para pilotá-la é preciso qualificação profissional.

TGM TURBINAS

A geração de energia, estudada em sala de aula, ganha nova dimensão quando os alunos visitam a empresa, uma das líderes no segmento de produção e comercialização de turbinas de co-geração. A fábrica, em Sertãozinho, surpreende os visitantes que acompanham a fabricação das peças, na prancheta do projetista até o final da linha de montagem.

USINAS

Pela vocação da região de Ribeirão Preto, quase metade das empresas que recebem os alunos do Programa Educacional "Agronegócio na Escola" são usinas de açúcar e álcool. Cada usina oferece um roteiro de visita diferente. Cada uma mostra uma peculiaridade do

complexo sistema produtivo. O processo em si de produção de açúcar e álcool acaba sendo coadjuvante em um cenário tão rico.

Em alguns roteiros é possível acompanhar desde o corte de cana, manual ou mecanizado, a chegada dos caminhões às usinas, o processo de moagem e transformação, até a saída dos caminhões ou trens com o produto final.

A co-geração de energia elétrica, a partir do bagaço da cana, tem sido um dos pontos fortes dentro dos roteiros de visita.

O cultivo orgânico da cana-de-açúcar e o controle biológico de pragas rendem muito assunto em sala de aula. Assim como os cuidados com o meio ambiente. As usinas mostram todo o sistema de redução e controle de resíduos do processo, como os filtros das chaminés, os tanques de contenção e a utilização da água em circuito fechado. Caminhadas em matas preservadas, áreas de proteção permanente e nos viveiros de mudas revelam locais que os alunos nem imaginavam existir dentro de uma usina.

Mas a grande lição que eles levam é que a mão-de-obra não se resume a bóias frias, como é comum imaginar, mas emprega uma gama de profissionais de nível médio e superior, este último em mais de 30 diferentes categorias.

São 16 as usinas que recebem os alunos do Programa Educacional "Agronegócio na Escola": Cia Açucareira Vale do Rosário, Usina Batatais, Usina Bonfim/Cosan, Usina Buriti, Usina Ibirá, Usina Ipiranga, Usina Jardeste, Usina Mandú, Usina da Pedra, Usina Santa Adélia, Usina Santa Cruz, Usina Santa Fé, Usina Santo Antonio, Usina São Francisco, Usina São Martinho e Usina Zanin.

De volta à escola, alunos e professores finalizam o trabalho com relatórios. Entre as frases, vale destacar:

"Meus agradecimentos à Santal pelo jeito que nos receberam e pelas informações fornecidas a respeito das tecnologias que não conhecíamos, como o plasma. Boa sorte a todos os funcionários e à diretoria que nos receberam tão bem".

"...Eles nos mostraram tudo que é preciso para trabalhar na TGM e disse-ram que tudo que aqueles homens fazem, uma mulher também é capaz de fazer".

"... se você pensa que um funcionário é mais importante que o outro, você está enganado. Todos são importantes, do faxineiro até o dono da empresa".

"Obrigado pela oportunidade".



Cássia dos Coqueiros: turismo inexplorado

Foto Fernando Braga

Foi em 1830 que um garimpeiro que se dirigia para Minas Gerais, para descansar, se encantou com o local coberto de matas, água abundante e uma topografia que permitia avistar toda a região. O garimpeiro, José Moreira da Silva, decidiu ficar. Solicitou sesmaria ao Governo Imperial. Nascia a Sesmaria da Delícia. Parte das terras foram vendidas para os Lopes e Siqueira. As duas famílias é que começaram a povoar a região.

O nome composto, Cássia dos Coqueiros, tem uma explicação. Cássia é uma homenagem à cidade italiana homônima e Coqueiros devido à abundância da espécie na região.

Com cerca de 2.950 habitantes, Cássia é um dos municípios com menor área de urbanização da região de Ribeirão Preto, apenas 0,37km². Do total, pouco mais de 1.200 moram na zona rural. A densidade demográfica é de 15,04 habitantes por km². Três escolas atendem do maternal ao ensino médio. A infra-estrutura é considerada boa, com 100% da água tratada e esgoto recolhido e tratado. Todas as ruas são asfaltadas. As estradas vicinais também. Na área da saúde, Cássia possui um único posto de atendimento que é de responsabilidade da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto. Um trabalho que começou na década de 60, para a pesquisa sobre o Mal de Chagas e garante aos alunos sextoanistas da faculdade um estágio com contato direto com os pacientes, para conhecer a real demanda da assistência médica. O que não é resolvido na cidade é encaminhado ao HC de Ribeirão Preto, há 70 quilômetros de distância.

Pequena, acolhedora e praticamente desconhecida, Cássia dos Coqueiros tem uma legião de fãs. Na internet, depoimentos são verdadeiras declarações de amor. Quem conhece a cidade, ou melhor, suas matas, sabe o porquê.

Pequena, acolhedora e praticamente desconhecida, Cássia dos Coqueiros tem uma legião de fãs. Na internet, depoimentos são verdadeiras declarações de amor. Quem conhece a cidade, ou melhor, suas matas, sabe o porquê.



Cacheira de Itambé, atração em Cássia dos Coqueiros

Cortada por rios e rodeada de matas nativas, as cachoeiras e o mirante são seus maiores atrativos.

São cerca de 20 cachoeiras, 13 com boa queda d'água e poço para nadar. A maioria fica em propriedades particulares, afastadas da zona urbana. A mais fácil de encontrar está a cerca de 200 metros da praça central da cidade, onde ao lado está sendo construído um centro de lazer para os habitantes e um ginásio de esportes.

Para chegar às outras cachoeiras é só perguntar na praça. Todos conhecem os caminhos. A mais famosa é do Itambé, com 80 metros de queda livre, localizada em uma fazenda cujo proprietário tenta controlar o acesso de visitantes para preservá-la. Mesmo assim, cerca de 400 pessoas, por final de semana, visitam a famosa cachoeira.

Outro destaque, o Mirante da Serra das Areias, que proporciona visão de sete cidades vizinhas dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Local excelente para vôo livre. As caminhadas ecológicas são também uma boa pedida. A maioria dos visitantes passa apenas o dia na cidade. A infra-estrutura local ainda é insuficiente. São três campings e duas pousadas, sendo que uma delas poderia facilmente entrar para o "roteiro do charme". O casarão, que lembra um mosteiro espanhol, está localizado em meio a 35 mil metros quadrados de Mata Atlântica primária, e se debruça sobre um rio caudaloso, com corredeiras, piscinas naturais e cachoeira de 8 metros de altura. Cássia dos Coqueiros é um lugar para se conhecer.

